



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ Instituições, História e Patrimônio Cultural

A cultura material escolar como fonte de pesquisa no campo do ensino de História

The school material culture as a source of research in the field of
History teaching

*La cultura material escolar como fuente de investigación en el
campo de la enseñanza de la Historia*

Geane Bezerra Cavalcanti

RESUMO

O presente artigo busca analisar como se desenvolveu a relação entre historiografia e cultura material. Além disso, pretende-se mostrar como a cultura material escolar é produzida e suas possíveis formas de uso na pesquisa acadêmica. Para isso, realizamos um levantamento bibliográfico que traz como temática central a cultura material escolar e suas formas de uso na pesquisa em educação e no ensino de história. Observamos que a cultura material escolar, ao mesmo tempo em que é fruto de uma produção cultural, também interfere na cultura e nas práticas de ensino-aprendizagem vividas no cotidiano de professores e estudantes.

Palavras-chave: Educação; Cultura material escolar; Fontes históricas.

ABSTRACT

This present article seeks to analyze how the relationship between historiography and material culture developed. In addition, it intends to show how school material culture is produced and its possible forms of use in academic research. For this, we conducted a bibliographic survey that brings as central theme the school material culture and its forms of use in research in education and in history teaching. We observed that the school material culture, at the same time that it is the fruit of a cultural production, also interferes in the culture and in teaching-learning practices lived in the daily life of teachers and students.

Keywords: Education; School material culture; Historical sources.

RESUMEN

El presente artículo pretende analizar cómo se ha desarrollado la relación entre historiografía y cultura material. Además, pretende mostrar cómo se produce la cultura material escolar y sus posibles formas de utilización en la investigación académica. Para ello, realizamos un relevamiento bibliográfico que trae como tema central

la cultura material escolar y sus formas de uso en la investigación en educación y en la enseñanza de la historia. Observamos que la cultura material escolar, al mismo tiempo que es fruto de una producción cultural, también interfiere en la cultura y en las prácticas de enseñanza-aprendizaje vividas en el cotidiano de profesores y alumnos.

Palabras clave: Educación; Cultura material escolar; Fuentes históricas.

Introdução

Antes mesmo de criar a escrita o ser humano já produzia cultura, que era transmitida pela oralidade ou por meio das ferramentas, utensílios e outros objetos frutos de sua criação. Seja implementando técnicas rudimentares ou tecnologias mais aperfeiçoadas, os objetos sempre acompanharam o percurso humano ao longo do tempo. O fato de os objetos estarem presentes ao longo de gerações nos faz refletir sobre a história da cultura material no cotidiano e como a partir deles podemos perceber “mudanças e permanências dos objetos e de seus diferentes usos ao longo do tempo (ou seja, sua historicidade) proporcionam, às diversas ciências humanas, rico material de estudo da constituição cultural das sociedades” (ABUD; SILVA; ALVES, 2019, p. 108).

Porém, a cultura material como fonte de estudo só emerge a partir do século XIX, com o positivismo e a valorização do documento escrito e oficial, somado a isso, vimos também o surgimento da Arqueologia, da Paleontologia e da Antropologia que se debruçaram sobre objetos e artefatos deixados pelas antigas civilizações ou por sociedades não letradas. Dessa forma, a cultura material ganha um novo sentido e importância nas ciências humanas.

Mesmo com todos esses acontecimentos, é apenas a partir do século XX, por meio da Escola dos Annales e da Nova História, que a cultura material ganha um novo significado para a historiografia, quando a Escola dos Annales se aproxima da Geografia, Antropologia e Arqueologia, realizando novas indagações que exigiam outras fontes de pesquisa para alcançarem as respostas. Além disso, os historiadores passam a ter maior interesse sobre a história do cotidiano, sendo a cultura material uma das maiores fornecedoras de fonte de estudo. Neste contexto, a cultura material passa a ser encarada como uma das principais fontes para a historiografia, já que “os artefatos que os seres humanos criam, produzem, utilizam e consomem dizem respeito não

só a sua trajetória histórica como também à construção de sua identidade” (ABUD; SILVA; ALVES, 2019, p. 109).

Envolvido na cultura material como fonte histórica, a cultura material escolar mais recentemente, passou a ser vista como fonte para pesquisas em educação, seja para a elaboração de uma história da educação ou para a compreensão da cultura escolar. Impressos como livros didáticos e revistas voltadas para a escola, avaliações, textos elaborados por professores, cadernetas, materiais de secretaria, assim como fotografias, vídeos, trabalhos e projetos produzidos por alunos, professores ou funcionários, mobiliário, tudo isso representa a cultura material escolar, revelando-se um amplo acervo pronto para ser explorado.

Este artigo foi elaborado a partir de um levantamento de textos que trazem como temática a cultura material escolar e suas formas de uso na pesquisa em educação e em ensino de história, alguns textos foram selecionados e utilizados como referência para este artigo, que tem como objetivo servir de guia para professores, estudantes e pesquisadores que queiram conhecer um pouco mais sobre a cultura material escolar como fonte histórica de pesquisa, assim como as formas que essas fontes podem ser utilizadas, ampliando o leque de possibilidades de pesquisa na área de ensino e educação. Esse estudo também pretende contribuir para a ampliação do debate sobre os usos e desusos da cultura material escolar como fonte ou objeto de estudo.

O presente artigo está organizado em dois momentos, no primeiro discutiremos a cultura material, como foi desenvolvida em sua relação com a Arqueologia e com a História, porque esta materialidade pode ser considerada como fonte de estudo entre arqueólogos e historiadores para compreender a organização social, os costumes e cotidianos das sociedades, assim como a guarda dessa cultura material em bibliotecas, acervos e laboratórios, gerando redes de informação. Para isso, utilizamos as contribuições teóricas de Bruno Latour (*apud* PARENTE, 2004), Carlos Netto e Amilton Souza (2010), Marcelo Rede (*apud* CARDOSO; VAINFAS, 2012) e Daniel Miller (2013). A escolha dessa literatura se dá justamente por nela encontrarmos material especializado no tema da cultura material.

No segundo momento, abordaremos a cultura material escolar como fonte de pesquisa em educação. Assim, discutiremos desde produções desenvolvidas para a educação, como produções audiovisuais, documentários, revistas especializadas, assim como a materialidade produzida pela própria escola, como filmagens, fotografias, materiais didáticos diversos. Além das bibliotecas, arquivos escolares e o mobiliário consideraremos também as coleções e os acervos pessoais de professores e funcionários.

A cultura material e a historiografia

A historiografia estabelecida como ciência durante o século XIX sob forte influência do Positivismo coroou a história política, dos “grandes homens” e dos grandes acontecimentos, como o principal objeto de estudo da História enquanto disciplina acadêmica, sendo os documentos oficiais as únicas fontes de pesquisa consideradas sérias e relevantes. Com isso, objetos pessoais, fotografias, roupas, móveis e outros artefatos serviam apenas de meras ilustrações. Constata-se com isso, um distanciamento entre a historiografia e os objetos, já que a fonte escrita fora reconhecida como a única de relevância. Esse distanciamento só diminui no século XX, quando a Escola dos Annales e a Nova História levantam outras questões que envolvem uma forma de construção da história para além dos grandes acontecimentos, assim como passou a considerar outros grupos sociais. Essa historiografia renovada levantou o interesse no estudo e no entendimento de outros fenômenos, trazendo novas perguntas para atender novas demandas. Com isso, foi possível a ampliação do diálogo com outras ciências humanas e fontes diferentes das escritas passaram a ser cogitadas.

Segundo Carlos Netto e Amilton Souza (2010), as fontes escritas como únicas capazes de revelar uma verdade histórica bastante questionável, já que muitos trabalhos produzidos por historiadores eram revistos pelas autoridades. “Essa história que era realizada com base apenas no documento escrito era feita com o aval dos dominadores, das elites, dos chamados ‘grandes homens’” (NETTO; SOUZA, 2010, p. 63). Sendo assim, era facilmente manipulada e vista por apenas um viés. A supremacia das fontes escritas diminui com a Escola dos Annales e com a Nova História já no século XX, ao se interessarem por outros grupos sociais, que em muitos casos não desenvolveram a escrita, logo

não deixaram esse tipo de documento, desafiaram-se a compreender outras fontes, assim “a Nova História, com seu interesse em todos os homens, incluiu, como documentos, desde produtos como escavações arqueológicas até o uso de uma ferramenta, portanto, a arqueologia e a cultura material em si” (NETTO; SOUZA, 2010, p. 65).

Assim, a ampliação das fontes históricas, a aproximação da História com a Arqueologia e a cultura material tratada agora como fonte, enriqueceu o trabalho dos historiadores, que passaram a estudar sociedades não letradas ou de baixo grau de instrução. A partir das materialidades destas sociedades, tornou-se possível desvendar um pouco mais sobre suas culturas e suas práticas cotidianas. Nesse sentido, os autores Netto e Souza (2010, p. 66) ainda salientam que as fontes escritas não podem ser descartadas, nem as fontes materiais devem ser analisadas isoladamente, as diferentes fontes precisam ser confrontadas e o contexto em que os materiais foram produzidos, isto é, sua historicidade, devem ser levados em consideração para que eles deixem de ser meros objetos e passem a fazer parte de uma produção histórica.

Deste modo, podemos afirmar que a Arqueologia e a História se aproximam por terem o mesmo objeto de estudo, qual seja, “as características e dinâmicas das sociedades, no passado e no presente” (FUNARI, 1998 *apud* NETTO; SOUZA, 2010, p. 67). O suporte que a Arqueologia oferece à História está ligado ao fato da primeira ser considerada a “ciência dos objetos”, estes objetos servem tanto a arqueólogos quanto a historiadores para as interpretações sobre uma sociedade numa determinada época e espaço. Sendo assim, é no campo da materialidade que os arqueólogos se sentem à vontade e fazem dessa área seu principal alicerce, assim como esta materialidade também servirá para historiadores encontrarem parte das respostas para as perguntas feitas por eles.

É a partir da materialidade dos diferentes grupos sociais que arqueólogos e historiadores podem desvendar um pouco mais sobre as práticas cotidianas desses grupos, afastando-se da História dos grandes acontecimentos, aproximando-se dos camponeses, artesãos, pequenos comerciantes e outros trabalhadores (NETTO; SOUZA, 2010), já que também é

nos fazeres e práticas cotidianas das pessoas comuns que a história é construída.

Porém, apesar de Arqueologia e História como ciências se complementarem, esta relação nem sempre foi amistosa. Isso se deve principalmente ao afastamento e a resistência que muitos historiadores tinham ao relacionar cultura material e sociedade, assim “as articulações entre a vida social e a materialidade, e, apesar de sua grande diversidade, raramente as teorias da experiência histórica reconheceram a importância da dimensão material da existência humana” (REDE *apud* CARDOSO; VAINFAS, 2012, p. 135). Por outro lado, a Arqueologia se debruçava excessivamente “sobre os atributos físicos dos objetos, suas características técnicas ou plásticas, marginalizando dimensões fundamentais caras à abordagem historiográfica, como o contexto social e a dinâmica temporal” (REDE *apud* CARDOSO; VAINFAS, 2012, p. 135), causando uma decepcionante análise da sociedade a partir de sua materialidade. Percebemos que a dificuldade em articular cultura material e sociedade era um problema tanto para arqueólogos quanto para historiadores.

Assim, a materialidade ficou restrita aos museus durante um bom tempo, onde cumpriam bem sua função, porém subutilizada tanto por arqueólogos quanto por historiadores. Tendo em vista as brechas existentes entre a materialidade e a análise sociológica, a *New Archaeology* se propôs a tornar a Arqueologia uma ciência social, ampliando o campo de análise dos objetos, assim fundando uma arqueologia processual. Com isso, a *New Archaeology* traz “reflexões sobre a trajetória de artefatos e estruturas até a formação dos sítios foram amparadas pela observação etnográfica da utilização (incluindo os padrões de descartes) dos elementos materiais nas sociedades vivas, a etnoarqueologia” (REDE *apud* CARDOSO; VAINFAS, 2012, p. 137).

Logo, o maior ganho que a *New Archaeology* ofereceu à cultura material foi passar a encará-la como um meio de comunicação no qual as sociedades, a partir dela, criam discursos semelhantes aos verbais (REDE *apud* CARDOSO; VAINFAS, 2012). Assim, os objetos são vistos como manifestação de uma cultura, a cultura materializada, um documento que possibilita o estudo do cotidiano de sociedades não eurocentradas, com formas próprias de organização, modos e fazeres, atendendo outra lógica social.

Assim, a cultura material é uma manifestação cultural mediante os objetos, sendo que quando estes objetos são estudados, há uma forte inclinação para compreender a sua função social. Porém, segundo Miller (2013), os objetos não podem ser apenas enquadrados em suas supostas funções, já que eles estão repletos de simbolismos que refletem os rituais, crenças e as distinções sociais do lugar a qual eles pertencem. Com isso, os objetos moldados pela cultura também interferem nessa mesma cultura e em sua identidade, portanto, quanto mais despercebida a cultura material se torna, “mais poderosa e determinante ela se mostra” (MILLER, 2013, p. 83).

Esta influência que objetos e coisas exercem sobre as pessoas gera um fascínio e um desejo de reuni-las segundo a importância que são dadas a elas. Assim, temos bibliotecas, coleções, laboratórios, acervos institucionais e pessoais, jardins botânicos, museus e outros conjuntos de coisas que trazem consigo informações sobre algo. Segundo Latour (*apud* PARENTE, 2004, p. 5), este conjunto de coisas serve “de intérprete, de intermediário, de encruzilhada, de distribuidor, de central telefônica, de *dispatcher*, a fim de regular as relações múltiplas entre o trabalho de redução e o trabalho de amplificação”. Ainda para Latour (*apud* PARENTE, 2004, p. 5), esse emaranhado de coisas “estão repletos de ligações com o mundo”, são signos que constroem uma rede de informações, geram conhecimentos e interagem diretamente com a sociedade.

Portanto, a cultura material oferece um vasto universo de estudo tanto para a Arqueologia quanto para a História, pois por meio dela podemos conhecer as práticas cotidianas e costumes de sociedades passadas, assim como compreender a relação entre sociedade e sua materialidade e as influências que uma exerce sobre a outra. Pelo fato da cultura material estar arraigada de sentidos e informações, as coleções, museus, bibliotecas, laboratórios se revelam como um espaço amplo para a pesquisa, já que ao mesmo tempo em que eles selecionam e reduzem essa materialidade, amplificam o conhecimento que podem transmitir.

Cultura material escolar como fonte de pesquisa

A escola sempre foi um espaço de grande produção de cultura material, porém, apenas há poucos anos, esta materialidade vem sendo utilizada em

pesquisas sobre a história da educação e ensino de história. O que chamamos de cultura material escolar, vai desde bens imóveis, como a arquitetura das escolas, fachadas, pátios, distribuições das salas, a produção de bens móveis, como papéis, documentos, currículos, materiais de uso dos professores e alunos, mobiliário e produções audiovisuais. Aqui vamos nos dedicar à compreensão mais adequada dos bens móveis, compostos pelo acervo escolar, bibliotecas e arquivos, assim como os acervos pessoais dos professores.

Diante disso, como vimos na sessão anterior, os objetos são repletos de simbolismo e informações que estão conectadas ao mundo. Para Latour (*apud* PARENTE, 2004, p 12), é a partir do seu conjunto que podemos “verificá-los, assegurá-los, validá-los”, já fora dessas redes, a “exatidão e precisão, perdem seu sentido”. Assim, os agrupamentos de objetos da cultura material em bibliotecas, coleções e arquivos, tornam-se lugar privilegiado de memórias individuais e coletivas das práticas sociais cotidianas.

Nesse sentido, a cultura material escolar é produzida nos espaços de experiência, ou seja, na escola ou em espaços que tenham sua produção voltada para ela, como editoras e centros de pesquisa educacionais. Essa materialidade dá um salto no tempo e passa a representar “o passado no presente” (KOSELLECK, 2006, p. 309-310), por isso a importância da cultura material como fonte para os estudos da história da educação e práticas de ensino nas diferentes disciplinas escolares. Porém, a cultura material, além de nos revelar o passado, também nos mostra as práticas atuais de ensino e o cotidiano escolar do tempo presente.

Na materialidade escolar, os impressos escolares, como livros didáticos, manuais escolares, imprensa periódica especializada em educação, coleções e bibliotecas escolares, cartilhas e currículos, são utilizados como fontes de pesquisa e também como objeto de estudo. Como exemplo de estudos da cultura material escolar usada como fonte e objeto de pesquisa, as revistas de educação e outros periódicos foram cruciais “para a compreensão das estratégias de produção e difusão dos saberes ligados ao exercício da docência” (PAULILO, 2019, p. 8). Assim como os livros didáticos, amplamente utilizados por professores e alunos em sala de aula, chamam atenção de pesquisadores em educação que buscam compreender as:

Relações entre conteúdo escolar e métodos de aprendizagem expressos nessa literatura pedagógica, das articulações entre conteúdo e livro didático como mercadoria, dos vínculos entre políticas públicas educacionais e os processos de escolha desses livros para professores e dos diferentes usos que professores e alunos fazem do material (BITTENCOURT, 2018, p. 251).

Posto isto, vale dizer que a marcante presença do livro didático na educação brasileira é tema de várias pesquisas e artigos científicos. São inúmeras as possibilidades de trabalhos envolvendo o livro didático, as diversas formas de fazer uso dessa ferramenta ou até mesmo o seu total desuso. Deste modo, levando em consideração que os livros didáticos transmitem os conteúdos históricos, podemos investigar então em que medida esse material pode fortalecer ou romper totalmente com o *status quo* da ordem vigente e o *establishment* social. Além disso, deve ser objeto de análise as disputas político-ideológicas que atuam sobre esse material de maneira direta ou indireta. Para além das decisões que ficam nos bastidores da produção dos livros, há ainda um intenso debate acerca dos temas sensíveis a serem tratados ou não internamente aos conteúdos, como, por exemplo, de que forma e em que medida os grupos sociais menos abastados estão representados ou não nesses livros. Enfim, as perguntas são inesgotáveis.

Constatado isso, toda essa importância dada pelos pesquisadores da área de ensino ao livro didático se deve ao fato dele ser um transmissor da cultura histórica. Entendemos por cultura histórica “não só o conhecimento histórico em seu sentido mais restrito”, como também, “outras formas de expressão cultural, como a literatura, o folclore e outras manifestações que tenham relação com o passado”. Compreendido enquanto um importante transmissor da cultura histórica, como propõe Gasparello (*apud* ROCHA; MAGALHÃES; GONTIJO 2009, p. 267), podemos com o livro didático “conhecer o modo como determinada sociedade estabeleceu relação com seu passado, na medida em que o livro escolar participa como expressão, agente e produto de uma cultura histórica”. Acerca disso, vale lembrar que esta cultura histórica não se faz presente apenas no livro didático, ela também está contida nos livros paradidáticos, nos currículos escolares, em revistas e outras produções literárias ou audiovisuais voltadas para a educação e nas bibliotecas escolares.

Dessa maneira, o acervo das bibliotecas escolares também se mostra relevante para pesquisas educacionais sobre o ensino de história, pois ajuda os pesquisadores a compreender as mediações entre o livro e o leitor, as formas de aprendizagem e alfabetização, os temas que estes livros trabalham e sua influência na formação dos alunos, os usos didáticos e os livros mais trabalhados e lidos pelos estudantes (PAULILO, 2019). Desse modo, as bibliotecas escolares contribuem para o entendimento do pesquisador sobre como alguns temas são abordados em sala de aula, que tipo de cultura histórica está sendo transmitida e qual formação histórica os alunos vêm recebendo. Para que esses apontamentos possam ser percebidos pelo pesquisador, é interessante verificar se há livros na biblioteca sobre história da África ou cultura afro-brasileira, paradidáticos ou literatura que envolvem temas históricos, como as guerras mundiais, as ditaduras do Brasil e Latino-Americanas, além de outros conteúdos importantes como Brasil colônia e história dos povos originários. Tudo isso demanda uma análise acerca de quais formas estes conteúdos fundamentais são apresentados e com que frequência são consultados pelos estudantes.

Outro espaço repleto de cultura material são os arquivos das escolas, principalmente o considerado arquivo morto devido à sua avançada idade. São fotografias, atas, cadernetas, correspondências, trabalhos elaborados por alunos e professores, materiais didáticos que vêm sendo reavivados pela pesquisa histórica. É a partir desse arquivo que podemos verificar o número de meninos e meninas matriculados num determinado período, a evasão escolar, diferenças entre o alunado de uma escola urbana e rural, ainda é “possível, a princípio, acompanhar, por esses livros, a possibilidade de acesso das crianças negras e imigrantes ao ensino, bem como a permanência das crianças no ensino, ao longo dos anos” (BACELLAR *apud* PINSKY, 2008, p. 31).

Logo, percebemos que os arquivos escolares estão ligados a uma memória coletiva escolar e da comunidade onde estão inseridos, permitindo assim “articular ao estudo da escolarização a função política da memória coletiva” (PAULILO, 2019, p. 11-12), propondo um desafio aos historiadores de “lidar tanto com as marcas visíveis da experiência humana quanto com a dimensão imaterial dessa experiência” (PAULILO, 2019, p. 12).

Dentro dos arquivos escolares podemos encontrar produções audiovisuais utilizadas pela escola em sala de aula, assim como materiais de produção própria. Trata-se de postais, filmes, vídeos, filmagens, fotografias, material sonoro de rádio escola, que possibilitam estudos variados sobre produção audiovisual e educação, permitindo também observar de que forma a indústria cultural produz materiais voltados à educação, que tipo de produções são distribuídas nas escolas pelo poder público e como a educação fomenta a produção cultural voltada para esse nicho.

Ainda nesse mesmo sentido, como é assinalado por Paulilo (2019, p. 15), algumas produções voltadas para a educação rompem os muros da escola e chegam à cultura de massa, assim produções de cunho educativo, como “Vila Sésamo, Sítio do Pica-Pau Amarelo, programas como Telecurso e a produção de documentários educativos pela televisão ou distribuídos em vídeo por revistas de grande circulação, como os da *National Geography* lembram o lugar da educação na dinâmica da comunicação de massa”. Sendo assim, a partir dessas produções, podemos estabelecer a relação entre educação e cultura de massa, isso torna possível pensar em que medida estas produções auxiliam no processo educativo das crianças ao contribuir diretamente para a educação escolar. Isso nos conduz a uma questão ainda mais importante, a saber, como que a cultura de massa entra na escola, quais sentidos lhes são atribuídos e de que formas esse tipo específico de cultura é aproveitada pela escola. Por fim, é importante lembrar que esta produção educativa voltada para a cultura de massa não está representada apenas pelas produções audiovisuais, elas também são apresentadas em forma de impressos, como revistas em quadrinhos, almanaques e livros de atividades.

Além dos materiais supracitados, o mobiliário escolar tem grande importância para a pesquisa. O conjunto de móveis compostos por armários, lousas, mesas e carteiras, são produtos de uma indústria dedicada à produção de utensílio para a educação escolar, além de serem artefatos socialmente construídos e repletos de simbolismos. Como resultado de um projeto educacional promovido pelo Estado desenvolvido no Brasil entre os séculos XIX e XX, foi estimulada uma produção em larga escala de utensílios específicos para o ambiente escolar. Diante dessa nova demanda, a indústria logo se interessou por esse nicho de mercado e se empenhou em criar uma

série de produtos voltados para a educação formal. Assim, como explica Sousa (2016, p. 2):

As tecnologias como o lápis, a tesoura, livros, borrachas e a carteira, que, no imaginário social contemporâneo muitas vezes são naturalizadas como objetos que sempre fizeram parte do cenário escolar, nem sempre compuseram esse espaço, mas foram adentrando a partir de intencionalidade pedagógicas, médicas e econômicas.

Dito isto, percebemos que a fabricação dos mobiliários e outros instrumentos de uso pedagógico escolar foram promovidos a partir de mudanças na cultura escolar. Como resultado de um interesse não apenas industrial e econômico, mas também social, outros agentes além destes contribuíram para forjar a cultura material escolar, é o caso dos pedagogos e médicos. O trabalho de pedagogos e médicos auxiliou a indústria na produção do mobiliário escolar, que se preocupou em desenvolver um design que favorecesse a saúde de alunos e professores seguindo os preceitos médicos de higiene que buscavam estabelecer uma conduta e prática nas crianças (SOUSA, 2016).

Ainda na esteira de Sousa (2016, p. 4), essa preocupação com a higiene e a saúde de professores e estudantes fica clara ao analisar os catálogos das empresas, no qual se encontram prescrições indicando “as distâncias consideradas corretas entre o banco e a mesa da carteira escolar, bem como a utilização de tecnologias que pudessem favorecer o conforto da coluna do estudante, mantendo assim uma postura adequada para a prática da leitura e escrita”. Portanto, observamos como a cultura material escolar em suas múltiplas materialidades pode servir de fonte e objeto de instigantes pesquisas relacionadas à educação e até mesmo para outras áreas de interesse.

Sendo assim, a cultura material escolar não está restrita aos muros da escola, os arquivos pessoais de professores e ex-funcionários revelam um foro íntimo entre a materialidade e as pessoas que o guardam, uma memória afetiva e pessoal. São produções audiovisuais, fotografias, cadernos de planejamento, anotações, materiais didáticos, que refletem um campo de experiência e práticas, como é possível perceber na citação a seguir:

Sue McKemish (2013, p. 244) os considera como registros que oferecem “testemunhos de nossas interações com os outros, no contexto de nossas próprias vidas e do lugar que

ocupamos nas deles”. São, assim, “provas de nossa existência, de nossas atividades e experiências”. Reitera-se aqui o significado do Arquivo de Memórias em questão constituir-se como espaço de acolhida dessas “práticas de arquivamento do eu” (ARTIÈRES, 1998), respeitando as idiossincrasias dos modos como cada sujeito organizou suas *reliíquias* (ALMEIDA; GRIMALDI, 2020, p. 7).

Os arquivos pessoais nos mostram os interesses da pessoa que o guarda, porque selecionou tais materiais em detrimento de outros, sua prática de trabalho, suas crenças e memórias. Essa cultura material unida à história oral são excelentes fontes de pesquisa por se complementarem e revelarem as experiências cotidianas dos entrevistados. Com isso, o estudo sobre as práticas de ensino dos professores mostra-se um campo muito interessante para a pesquisa escolar, pois além de memórias há muita experiência e sentimentos envolvidos, são fontes vivas da cultura escolar.

Considerações finais

Por meio desse estudo foi possível observar que pesquisar a cultura material escolar é se emaranhar entre objetos e sentimentos que se entrelaçam e que não atuam de forma isolada, essa materialidade carrega consigo símbolos que estão conectados com o mundo que o circunda, refletindo seus usos no cotidiano. Por isso, essas ferramentas pedagógicas contribuem também para a formação da cultura escolar, auxiliando na transmissão de valores como conduta e disciplina na organização e socialização entre os estudantes.

Ainda mais, ao mesmo tempo em que a cultura material escolar é fruto de uma produção industrial e cultural, voltados para a escola ou para a cultura de massa, ela também interfere nas práticas de ensino e no cotidiano de professores e estudantes. Isso fica claro quando tomamos de exemplo a cultura material didática (livros, vídeos, revistas...), sobretudo, como eles conseguem influenciar a forma de como os professores ministram suas aulas e no modo em que os estudantes aprendem.

Em suma, é possível concluir que, mais que instrumentos de trabalho, ferramentas de ensino-aprendizagem, essa materialidade escolar carrega também recordações, lembranças e sentimentos afetivos. Quem não se emociona ao ver uma foto dos tempos da escola ou ao encontrar um antigo

caderno do seu período escolar, um livro didático da sua infância ou as antigas cadernetas e planos de aula no caso dos professores? Esses sentimentos tornam a cultura material escolar mais conectada a nós do que podemos imaginar, ela está carregada de memórias coletivas e pessoais, de afetividades e lembranças.

Para além desse aspecto afetivo, ligado à intimidade do mundo privado, no que tange à sua dimensão formal e metodológica, a importância do estudo da cultura material escolar para o trabalho do historiador está no fato desta se apresentar enquanto uma rica fonte de pesquisa, isto é, um instrumento consistente do ponto de vista epistemológico na análise de seu principal objeto de estudo, que nesse caso é a cultura escolar. Sendo assim, para trabalhos que pretendem investigar a cultura escolar, compreender o seu ambiente em paralelo à história da educação no Brasil e verificar como essa materialidade interfere no ensino-aprendizagem, a fim de identificar quais valores são transmitidos a partir dela e suas intencionalidades, a cultura material escolar tem um enorme potencial em fornecer ferramentas de análise e compreensão já bastante utilizadas nas áreas de educação e ensino de história, que auxiliam nessa tarefa de resgatar a materialidade e as inúmeras informações que ela pode nos apresentar.

Referências

ABUD, K. M.; SILVA, A. C. M.; ALVES, R. C. *Ensino de História*. Coleção Ideias em Ação. São Paulo: Cengage, 2019.

ALMEIDA, D. B.; GRIMALDI, L. C. Entre gestos de guardar e atos de testemunhas: o arquivo de memórias da Faculdade de Educação/UFRGS. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 36, e223025, p. 1-14. 2020.

BACELLAR, C. Uso e mal uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (org). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

GASPARELLO, A. M. O livro didático como referência da cultura histórica. In: ROCHA, E.; MAGALHÃES, M.; GONTIJO, R. (orgs.). *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

LATOURE, B. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, A. Tramas da rede sulina. *64-BIBAL Portugais*, Porto Alegre, p. 39-63, 2004.

MILLER, D. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

NETTO, C. X. A.; SOUZA, A. J. A importância da cultura material e da Arqueologia na construção da História. *Revista História Unisinos*, v. 14, n. 1, p. 62-76, jan./abr. 2010.

PAULILO, A. L. A cultura material da escola: apontamentos a partir da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, eo65, 2019.

REDE, M. História e cultura material. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 133-150.


SOUZA, G. R. *Cultura material escolar: mobiliário em discussão*. Edição Especial II Congresso Ibero-Americano, 2016.

Recebido em: 13/01/2023.

Aceito em: 15/03/2023.

Geane Bezerra Cavalcanti

Doutoranda em Ensino de História, Departamento de pós-graduação em História (UFRPE). Atualmente pesquisa a área de ensino de História.

 geane17@yahoo.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/1681196281384345>

 <http://orcid.org/0000-0003-4696-8677>